Vilém Flusser

Upside Down

On the exhibition Ulrich Mertens, « Sans horizon », Marseille, 08/04/1988

Photography means changing points of view, that is, not insisting on a single point of view. Since we have the photographic eye at our disposal, it has become increasingly questionable to want to represent a single view of anything: to want to defend a worldview against others. The camera demands that we look at things from all side. You can look from a bird's eye perspective with a down gaze, or from below like a kid, you can look from the front (progressive gaze) and from behind (critical gaze), and you can look at things from the side (tangentially, with an ironic distance). But you can't really look at the world from below, from the depths of hell, because the device can't penetrate the inside of the earth to look at the world.

Mertens attempts to extend our "phenomenological view" downward by incorporating the point of view of the "deities of the inferior" into our worldview. To do this, he uses mine galleries. After all, man not only rises from the surface into space to transcend himself from there (he not only flies), but he also crawls out of the surface into the interior to get to the bottom of things (he also drills). Photographs would have to be taken from inside these holes. Unfortunately, most of the holes are metaphorical: for example, psychoanalysis and etymology. And how can one metaphorically photograph repressions or word roots? This is just one of the questions that Mertens raises with his photos. Other photographers will have to respond.

You drill not only metaphorically, but also literally, for example, tunnels or coal mines, in the interior of which you can take pictures. Unfortunately, it turns out that the soil from the bottom up is permeable only to very specific rays, and not to the rays for which the usual camera is built. Mertens has not yet tried to free himself from the confines of the usual apparatus. This observation can serve as an indication for his future work. The consequence is that "there are no horizons" available to him from below. He concludes that you need to dive from the top down, and then again rise to the surface from the bottom up, if you want to look at the world with the inclusion of the infernal point of view. He concludes that the infernal point of view can be adopted for a moment but not adhered to. In other words, he means that everything necessarily turns upside down when you try to look from below. He is in good company with this, because "διαβολειν" means: to throw chaotically.

It is his merit to have raised this problem of the infernal gaze. Our task is to look for the solution and try to open horizons for the devil. Because, at least since Chernobyl, we have rays

thanks to which we can photograph the phenomena of the upper world with the perspective of the lower point of view chosen for Mertens. Mertens' photographic series will continue.

Translated from French by Marc Lenot

Vilém Flusser

De cabeça para baixo

[Sobre a exposição Ulrich Mertens, « Sans horizon », Marselha, 08/04/1988]

Fotografar significa mudar de perspectiva, isto é, não insistir em um único ponto de vista. Desde que passamos a dispor do olhar fotográfico, tornou-se cada vez mais questionável querer representar qualquer coisa a partir de uma única perspectiva; querer defender uma visão de mundo em detrimento das demais. A câmera exige que olhemos para as coisas de todos os lados. Você pode olhar de uma perspectiva aérea, olhando de cima para baixo, como em voo de pássaro, ou de baixo, como uma criança (ou um sapo); pode olhar de frente (com um olhar voltado para o progresso) e por trás (com um olhar crítico); e pode olhar as coisas de lado (tangencialmente, com um distanciamento irônico). Mas você não pode realmente olhar o mundo debaixo, das profundezas do inferno, porque o aparelho não pode penetrar o interior da terra para olhar o mundo.

Mertens tenta estender nossa "visão fenomenológica" para baixo, incorporando à nossa visão de mundo o ponto de vista das "divinidades inferiores". Para isso, ele usa galerias de mina. Afinal, o ser humano não apenas se eleva da superfície ao espaço para, de lá, transcender a si mesmo (não apenas voa), mas também penetra da superfície para o interior, para chegar ao fundo das coisas (também perfura). As fotografias teriam de ser tiradas do interior desses buracos. Infelizmente, a maioria deles é metafórica: por exemplo, os da psicanálise e os da etimologia. E como se pode fotografar metaforicamente repressões ou raízes de palavras? Essa é apenas uma das perguntas que Mertens levanta com suas fotos. Outros fotógrafos terão que responder a ela.

Você perfura não só metaforicamente, mas também literalmente, por exemplo, túneis ou minas de carvão, no interior dos quais você pode tirar fotografias. Infelizmente, verifica-se que o solo, de baixo para cima, é permeável apenas a raios muito específicos, e não aos raios para os quais a câmera comum é construída. Mertens ainda não tentou se libertar dos limites do aparato habitual. Essa observação pode servir como indicação para os seus trabalhos futuros. A consequência é que, a partir de baixo, não há "horizontes" disponíveis para ele. Ele conclui que é preciso mergulhar de cima para baixo e, depois, novamente subir à superfície de baixo para cima, se quisermos olhar para o mundo incluindo o ponto de vista infernal. Ele conclui que o ponto de vista infernal pode ser assumido momentaneamente, mas não sustentado. Em outras palavras, ele quer dizer que tudo

necessariamente se inverte quando se tenta olhar a partir de baixo. Nesse aspecto, ele está em boa companhia, pois "διαβολειν" significa: lançar de um lado para outro.

É mérito dele ter levantado o problema do olhar infernal. Nossa tarefa é procurar a solução e tentar abrir horizontes para o diabo. Pois, pelo menos desde Chernobyl, dispomos de raios graças aos quais podemos fotografar os fenómenos do mundo superior a partir da perspetiva inferior escolhida por Mertens. A série fotográfica de Mertens continuará.

Traduzido do francês por Marc Lenot, revisado por Victor Geuer